

Texto para as questões 01 a 05

In December, the New York Times declared, “In American high schools, the age of the book may be fading.” This announcement encapsulated years of pessimistic reporting and commentary about the place of reading in education: prominent humanities professors wondering aloud whether we might abandon teaching books altogether, others lamenting undergraduates’ incapacity or unwillingness to read, journalists and pundits reporting on declining attention spans and falling literacy scores. Complaints about rising generations can sound nostalgic, or cranky, or even adversarial toward the young people in whom we ought to—need to—have faith. But dismissing the problem risks ignoring real, long-term changes in the ways we reward fragmented attention in public school.

The notion, now axiomatic among some administrators, policymakers and teachers, that “language arts” is a “skills-based” subject, void of meaningful “content,” can be traced in part to legislation at the federal and state levels. The Every Student Succeeds Act (ESSA) built on No Child Left Behind’s promises of standardization and assessment as keys to equitable educational quality. ESSA is commendably neutral about the precise sets of standards states adopt, but mandates that “all students in America be taught to high academic standards that will prepare them to succeed in college and careers.” It incentivizes “early college” and requires states to implement “accountability systems.” Whereas No Child Left Behind had a provision for funding “literature-rich environments,” even if only for preschoolers, ESSA never even mentions the word “literature.” Instead, states must use “diverse, high-quality print materials” and impart to students “the ability to navigate, understand, and write about, complex print and digital subject matter.”

In most states, compliance with ESSA came in the form of adopting the Common Core State Standards. According to Common Core, “text complexity” is measurable by feeding “text” into programs that evaluate elements like sentence length and vocabulary. Disputes about literature’s place in the scheme soon arose. When the standards rolled out, teachers, professors and journalists across the political spectrum expressed concern in blogs, monographs and newspapers about whether “informational text” and test-aligned excerpts would replace customary and beloved books. Their worries have proven justified. Even standards devised in good faith can be exploited by bad faith.

The Point Magazine. February 1, 2026. Adaptado.

01. No texto, a referência ao artigo do *New York Times* exerce a função de

- a) comprovar, por meio de estatísticas, a eficácia das reformas educacionais recentes.
- b) introduzir uma discussão já presente no debate educacional contemporâneo.
- c) apresentar a posição oficial do governo federal americano.
- d) sintetizar conclusões extraídas de pesquisas linguísticas experimentais.
- e) defender a superioridade dos materiais digitais em relação aos livros.

02. Segundo o texto, a concepção de *Language Arts* como disciplina baseada em habilidades está associada à

- a) redução da centralidade da literatura na formação escolar.
- b) diminuição da importância das competências de leitura e escrita.
- c) transferência exclusiva do ensino para conteúdos históricos.
- d) substituição das práticas de leitura por atividades de cunho gramatical.
- e) limitação do desenvolvimento das competências comunicativas.

03. Considerada a argumentação desenvolvida no último parágrafo do texto, a experiência com as políticas educacionais ilustra a possibilidade de

- a) critérios de avaliação perderem sua validade quando aplicados a conteúdos de natureza literária.
- b) normas de alcance nacional adquirirem objetivos distintos ao serem incorporadas pelos estados.
- c) mecanismos quantitativos substituírem decisões curriculares tomadas por profissionais da educação.
- d) diretrizes educacionais se legitimarem em decorrência de sua adoção continuada.
- e) instrumentos concebidos com determinados propósitos serem utilizados de modo incompatível com seus objetivos originais.

04. Considerado o contexto, o conectivo "Whereas", (2º parágrafo), estabelece uma relação de

- a) explicação das diretrizes do Common Core.
- b) consequência derivada da política federal.
- c) contraste entre legislações educacionais.
- d) descrédito de práticas pedagógicas.
- e) conclusão baseada em dados econômicos.

05. No contexto do texto, o verbo "rolled out" (3º parágrafo) comunica a ideia de que os padrões foram

- a) called off.
- b) brought in.
- c) set aside.
- d) phased out.
- e) written off.

Texto para as questões 06 a 10

Matt Walker, chief executive of Anonymous Content, a production and management company, writes:

I recently changed careers from philanthropy to entertainment, and my first few months in Hollywood have been an education.

When I arrived, I encountered an industry that was reckoning with epochal upheavals in technology, distribution and consumer expectations. New formats were evolving at astonishing speed. Every conversation I had turned to the topic of an industry in apparent free fall.

The ostensible question was: Can we continue to make movies and shows that resonate with new audiences? The more fundamental question lurking behind it: Have we lost an entire generation of viewers to online platforms like YouTube, TikTok and Snapchat?

For some in the entertainment industry, this is a period of creative destruction, as irreversible as progress itself. I see it differently.

In entertainment, we are dealing with the progeny of inequality: distrust and loneliness, deteriorating democratic institutions and the rapid decay of a shared identity that once knit us together. This crisis seems to be affecting young people in particular: the generation that came of age in our atomized era, enduring the algorithmic tsunami of social media's first wave.

In Hollywood, this led to a few misbegotten assumptions about America's rising generation: that members of Generation Z would forever choose small screens over big ones, short-form over feature-length, digital over physical, isolated over communal. There was even something comforting in this cynicism: the sense that young people were simply beyond our reach.

Yet I believe that periods of disruption inevitably produce their own countervailing force, their own backlash. And I believe one such rejoinder is emerging, especially among the young, in the form of a profound yearning for shared experiences and connection that remind us all that we belong to something larger than ourselves.

Today, this sense of yearning is finding new expression. We can see evidence of it everywhere. Young people are lining up at concerts, comedy shows and other live experiences.

This all portends well for the entertainment business, no doubt. Leaders across the industry can see and seize this moment of possibility, opening our apertures and expanding our imaginations, investing in creators and projects that represent, reflect and serve younger audiences, forging new kinds of partnerships across digital platforms, exhibitors and live experiences alike.

The New York Times. July 17, 2026. Adaptado.

06. No texto, ao avaliar as perspectivas da indústria do entretenimento, o autor fundamenta sua posição na combinação entre

- a) transformações tecnológicas e indicadores de desempenho financeiro.
- b) experiência profissional anterior e comparação entre diferentes períodos históricos.
- c) **tendências de comportamento dos jovens e sinais de busca por maior conexão social.**
- d) mudanças nos padrões de consumo e previsões formuladas por especialistas do mercado.
- e) preocupações com a desigualdade e pesquisas especializadas sobre hábitos culturais.

07. Conforme o texto, ao afirmar que existia "something comforting in this cynicism" (7º parágrafo), o autor pressupõe que

- a) o pessimismo preservava a expectativa de reconquistar a Geração Z por meio das estratégias até então adotadas.
- b) produtores e espectadores compartilhavam a mesma interpretação acerca das redes sociais.
- c) a crítica às plataformas digitais tinha ampla aceitação entre consumidores.
- d) **uma parcela da indústria encontrava-se em certa zona de conforto quanto a uma condição irreversível dos jovens.**
- e) o comportamento das novas gerações permanecia sujeito a previsões seguras.

08. No texto, na sequência "one such rejoinder is emerging" (8º parágrafo), o termo "such" contribui para caracterizar o referente como

- a) um retorno às práticas culturais vigentes antes da popularização das plataformas digitais.
- b) uma resposta formulada pelos estúdios para recuperar antigos modelos de distribuição.
- c) um conjunto de políticas públicas voltadas ao fortalecimento das instituições democráticas.
- d) uma crítica dirigida às empresas responsáveis pelos algoritmos.
- e) **uma reação produzida justamente pelos processos de ruptura em curso.**

09. No contexto, o termo "progeny" (6º parágrafo) aproxima-se semanticamente da ideia de

- a) **consequência.**
- b) fundamento.
- c) oposição.
- d) mecanismo.
- e) aparência.

10. A expressão contida no texto que melhor evidencia o distanciamento crítico do autor em relação a uma crença atribuída a terceiros é

- a) "new formats" (3º parágrafo).
- b) "consumer expectations" (3º parágrafo).
- c) **"misbegotten assumptions" (7º parágrafo).**
- d) "shared experiences" (8º parágrafo).
- e) "live experiences" (9º parágrafo).

Texto para as questões 11 a 15

Surely the greatest contribution to the English — and, more importantly, to corporate — language comes courtesy of James Maas, the man who popularised the phrase “power nap”.

Maas, a social psychologist at Cornell, used the term to describe a 20-minute light sleep designed to recharge the batteries. The short duration was key since the aim was to avoid falling into a deep sleep, from which you might wake up feeling worse. The genius of the phrase, obviously, is that it at once converts the kind of human weakness so despised in corporate culture into a sign of seriousness. Suddenly, you are not some lazy, feckless or hungover drone but a work-hard, play-hard, lunch-is-for-wimps dude (or dudette) who optimises for their business performance.

Some have recognised the value of the power nap. Long before we heard about Google's sleep pods, my first national newspaper office had a quiet room with comfy armchairs. It was not designed specifically for naps. Many just sat and read. But it was certainly the perfect spot for a quick recharge. All offices should have one of these.

And yet the benefits of the recuperative 20 winks are not universally appreciated in office culture. So what are the rules for successful power napping?

First, the biological ones. Keep it to 20 minutes to avoid deep sleep, and possibly have a shot of espresso before your strength siesta. Apparently, the caffeine will start to kick in just as you should be waking up (sorry, make that just as you are rebooting). Set an alarm. Or possibly two.

More important, however, are the office rules. While the term power nap is good branding, it is probably best not to use the word nap if you can avoid it. Better to talk in terms of “optimising cognitive performance” or giving yourself a “neurological reset”. Obviously, these are the worst kind of corporate twaddle but, as with comedy, the trick with all such blather is to deliver the lines with an absolutely straight face. In fact, you are not napping at all, you are merely thinking with your eyes closed for added focus. And that was not snoring, it was a guttural Nepali meditational mantra.

Financial Times. July 17, 2026. Adaptado.

11. Conforme o texto, ao afirmar que a genialidade da expressão “power nap” reside em sua capacidade de converter uma fraqueza humana em sinal de seriedade, o autor sugere que

- a) trabalhadores bem-sucedidos recorrem com maior frequência ao descanso durante o expediente.
- b) organizações reconhecem de forma oficial os benefícios fisiológicos do sono.
- c) períodos breves de repouso modificam os critérios utilizados na avaliação dos profissionais.
- d) uma prática associada à indolência passa a ser compatível com um comportamento orientado para o desempenho.
- e) hábitos individuais tendem a prevalecer sobre expectativas institucionais.

12. De acordo com o texto, a caracterização do trabalhador como “work-hard, play-hard, lunch-is-for-wimps dude” (2º parágrafo) exerce sobretudo a função de

- a) descrever o perfil predominante entre executivos de empresas multinacionais.
- b) reproduzir de forma caricatural um estereótipo, cuja lógica é ridicularizada pelo autor.
- c) ilustrar diferenças geracionais presentes no ambiente corporativo.
- d) defender modelos contemporâneos de gestão de desempenho.
- e) exemplificar estratégias eficazes de desenvolvimento profissional.

13. No texto, o comentário “these are the worst kind of corporate twaddle” (6º parágrafo) revela uma atitude de

- a) neutralidade quanto às escolhas lexicais predominantes no meio corporativo.
- b) reconhecimento da utilidade estratégica da linguagem especializada.
- c) preocupação com a dificuldade de compreensão provocada pela linguagem técnica.
- d) desqualificação da tendência de atribuir roupagem técnica a práticas corriqueiras.
- e) conformismo diante do emprego de formulações marcadas por aparente sofisticação.

14. Considerado o contexto, a expressão “kick in” (5º parágrafo) apresenta sentido equivalente a

- a) interromper o funcionamento.
- b) modificar de forma permanente.
- c) ajustar a intensidade.
- d) prever consequências.
- e) começar a produzir efeito.

15. Considerado o contexto, a expressão “the trick with all such blather” (6º parágrafo) permite inferir que

- a) trabalhadores tendem a aceitar argumentos fundamentados em pesquisas científicas.
- b) o jargão corporativo ganha credibilidade quando apresentado com seriedade.
- c) empresas valorizam estratégias de comunicação baseadas na espontaneidade.
- d) vocabulário técnico favorece de forma inequívoca a precisão conceitual.
- e) a linguagem administrativa evita ambiguidades de sentido.

Texto para as questões 16 a 20

King Gillette was a cork salesman and congenital tinkerer, always inventing some knickknack. Toward the end of the century, he had been working on something he hoped would be more permanent — an earnest, prescient, and intermittently hilarious tome of utopian social reform called “The Human Drift.”

The manifesto took aim at the gross inequality of the Gilded Age and laid out a plan that might “dam the golden flood which flows incessantly into the hands of the nonproducers, the interest-takers, the schemers, and the manipulators.” Gillette loathed market competition. The eternal fight for material wealth at the expense of everyone and everything else was, in his view, an “insane idea,” an “element of chaos” that could only lead to one end: “the final control of the commercial field by a few mammoth corporations.” Gillette wanted to ensure the equitable distribution of goods and resources. But his solution was to replace all production with one unified stock corporation, run, along with the rest of society, from a gargantuan, perfectly rectangular, ceramic-tiled mega-city to be constructed near and powered by Niagara Falls.

And yet shortly after the book came out, Gillette was struck with another idea: a razor with disposable blades. A decade later, after years of honing the manufacturing protocol, Gillette was awarded the first patent for a mass-produced disposable razor. In the process, he inspired a business model perhaps as influential as the device itself. His company realized they could sell the razor at a loss — luring in customers with a low-cost product — and profit instead from the marked-up blades they inevitably came back to buy. Gillette continued his writing career, self-publishing a pamphlet on a plan for universal employment and elaborating on his public corporation in two more books. But in the end, Gillette became better known for his shorter writing. As his possibly apocryphal line went: “Give ‘em the razor, sell ‘em the blades.”

Gillette’s “razor blade model” spawned many copycats. Consumers still encounter it now, when suspiciously affordable printers beget years of extortion for ink.

Harvard Gazette. January 5, 2026. Adaptado

16. De acordo com o texto, a referência ao modelo de negócios desenvolvido por Gillette contribui para reforçar a ideia de que

- a) a redução do preço inicial favorece relações comerciais menos dependentes de compras posteriores.
- b) estratégias empresariais dependem de modo prioritário do aperfeiçoamento tecnológico.
- c) invenções materiais produzem efeitos independentes das formas adotadas para sua inserção no mercado.
- d) empresas bem-sucedidas costumam abandonar com rapidez padrões responsáveis por sua consolidação.
- e) certas inovações comerciais podem alcançar influência duradoura para além dos produtos que lhes deram origem.

17. Consideradas em conjunto, as atividades de Gillette descritas no texto revelam tensão entre

- a) seus projetos de mudança social e a influência exercida por pensadores de sua época.
- b) sua rejeição à competição de mercado e a criação de um modelo comercial voltado à geração recorrente de lucro.
- c) sua defesa da distribuição equitativa de recursos e a organização descentralizada da produção.
- d) sua atividade como escritor e o desenvolvimento posterior das ideias já defendidas.
- e) o reconhecimento de sua invenção e o abandono progressivo da atuação empresarial.

18. No contexto do terceiro parágrafo do texto, a referência a Gillette como alguém que se tornou conhecido por "shorter writing" produz efeito irônico ao

- a) atribuir a uma breve máxima comercial maior notoriedade que a seus escritos de caráter reformista.
- b) associar a concisão de seus textos políticos à ampla difusão de suas propostas sociais.
- c) sugerir que seus escritos posteriores marcaram um afastamento gradual das propostas de reorganização social.
- d) contrastar a linguagem informal de suas publicações com o aspecto técnico de suas invenções.
- e) indicar que seu reconhecimento como autor decorreu da menor extensão de suas obras posteriores.

19. No texto, a expressão "luring in customers with a low-cost product" (3º parágrafo) aproxima-se semanticamente da ideia de

- a) selecionar consumidores segundo determinados padrões de compra.
- b) estabelecer uma relação de confiança entre compradores e fornecedores.
- c) atrair consumidores por meio de uma oferta vantajosa num primeiro momento.
- d) persuadir clientes a ampliar o volume habitual de suas compras.
- e) conquistar novos mercados mediante a diversificação do portfólio de produtos.

20. Conforme o texto, a descrição do projeto a ser construído nas proximidades de Niagara Falls contribui para caracterizá-lo como

- a) iniciativa destinada a conciliar transformação social e crescimento econômico gradual.
- b) proposta utópica cuja dimensão abstrata se associa a um planejamento material minucioso.
- c) empreendimento fundamentado na descentralização espacial das atividades produtivas.
- d) tentativa de adaptar modelos urbanos existentes às necessidades da atividade industrial.
- e) plano orientado pela busca de maior eficiência energética na organização do espaço urbano.

Texto para as questões 21 a 25

One might say that stupidity implies a capacity for getting things right before it can get them spectacularly wrong. Stupidity is not the opposite of intelligence but its evil twin. The degree of stupidity available to any system scales directly with the intelligence that system possesses—more intelligence begets greater feats of stupidity. Human beings, equipped with language, abstraction, technology, and institutions, can be stupid on a truly civilizational scale.

Stupidity is treated as a mere absence, as if once we subtract intelligence what remains is stupidity. It is likened to a form of psychological darkness. But this is a mistaken belief. Darkness does not do anything pernicious in the way that stupidity does. Stupidity takes an easy problem and, with great effort and misdirected ingenuity, makes it hard.

If intelligence means making a problem of difficulty X easier, by deploying tools, and adopting strategies that reduce its cost, then stupidity means making a problem of difficulty X harder. And contrary to expectations, the most reliable way to make an easy problem hard is to bring to bear complicated theories, elaborate beliefs, and sophisticated algorithms that sound convincing but perform worse than doing nothing. A person who does not know the answer to a question is merely ignorant. A person who constructs an ingenious hundred-page argument for the wrong answer is stupid. As great writers, artists, and philosophers have understood, such constructions require intelligence of a high order.

Consider this analogy. When a meteor collides with the Earth, there is no sense in which it is doing anything wrong. It is obeying classical mechanics, and that is all there is to say about it. But when a bird flies into a glass window, something different has happened, something we can with justification call an error.

Life, uniquely among physical systems, has the capacity to be wrong. Stupidity is a very special species of failure and not all errors qualify. People err from ignorance, from noise, or from the honest misapplication of a rule to a novel situation. These are the misfortunes of our lives about which we should be forgiving. Stupidity begins where error is elaborated, defended, refined, institutionalized, and made the foundation for further action. Stupidity makes everything progressively worse. And it is this elaboration of erroneous belief and behavior that demands, paradoxically, the prior existence of intelligence.

Nautil.us. July 8, 2026. Adaptado.

21. Segundo o texto, a concepção de estupidez defendida pelo autor distingue-se da simples ignorância por pressupor a

- a) aplicação inadequada de uma regra a uma situação imprevista.
- b) insuficiência de conhecimentos necessários para chegar a uma solução.
- c) ocorrência involuntária de falhas decorrentes de interferências aleatórias.
- d) elaboração e sustentação sistemáticas de um entendimento equivocado.
- e) dificuldade de reconhecer o ponto crucial de problemas complexos.

22. Considerada a argumentação desenvolvida no texto, a metáfora “evil twin” (1º parágrafo) antecipa a ideia de que

- a) a complexidade do raciocínio compromete a solução de problemas, mesmo diante de estratégias consistentes.
- b) o uso inadequado da inteligência decorre da dificuldade de avaliar as exigências de cada situação.
- c) a capacidade de formular explicações convincentes impede o reconhecimento dos limites do próprio saber.
- d) o desenvolvimento intelectual favorece equívocos de origem involuntária.
- e) os recursos fornecidos pela sofisticação cognitiva podem levar à amplificação e à consolidação dos erros.

23. A analogia entre o meteoro e o pássaro presente no texto permite concluir que a

- a) gravidade das consequências fundamenta a distinção entre uma ação imprópria e um fenômeno natural.
- b) complexidade causal de um acontecimento determina sua classificação como acerto ou falha.
- c) autonomia de movimento constitui condição suficiente para a ocorrência de equívocos.
- d) noção de erro pressupõe a possibilidade de avaliar um comportamento segundo um parâmetro de adequação.
- e) previsibilidade dos resultados estabelece a diferença fundamental entre processos físicos e condutas dos seres vivos.

24. No trecho “such constructions require intelligence of a high order” (3º parágrafo), o termo “such” retoma

- a) capacidades humanas associadas ao uso da linguagem e da abstração.
- b) procedimentos voltados ao aumento da eficiência na resolução de problemas.
- c) argumentos elaborados em defesa de conclusões equivocadas.
- d) interpretações formuladas para explicar fenômenos de natureza complexa.
- e) regras de aplicação habitual transferidas para situações novas.

25. Considerada a expressão “bring to bear” (3º parágrafo), seu sentido no contexto equivale a

- a) mobilizar meios intelectuais no enfrentamento de um problema.
- b) reduzir o grau de complexidade da questão examinada.
- c) distribuir entre diferentes agentes a responsabilidade por uma ação.
- d) abandonar procedimentos cuja eficácia se mostra limitada.
- e) substituir formulações abstratas por evidências de natureza empírica.

Texto para as questões 26 a 30

Is there anyone out there now who doesn't swear? Is there anyone who doesn't revel in vulgar language?

You hear it everywhere and from almost everyone. When I was growing up in the 1950s and '60s, swearing was the undisputed territory of guys. Guys who worked with their hands — construction men, plumbers and carpenters — cursed copiously on the job. Sailors cursed all the time, or so we were told.

Among cursing guys, there were rules. Swearing was an outdoor activity. Keep it out of the house. Never swear in front of women. Never curse out a teacher or a cop.

Now we live in a cacophony of curses. People curse on the job, no matter how white their collars. Kids now swear as well as the mythical swearing sailors of my youth. Have I heard a person of the cloth swear? Who hasn't?

To some, this, no doubt, feels like liberation. The right to cuss things out, call things as you see them and dress people down is now democratized. The patriarchal right to vulgarity has been opened up to everyone!

I don't mean to be prudish about this. There are times and places for some A-1 vulgarity. One of my more satisfying moments was telling the tyrannical boss of a road gang I worked on one summer to go void himself in his hat, though in slightly different words.

But obscenity loses its power and meaning in ubiquity. These days, curse words fill the air like angry drones — an ambient buzzing of bitter, nasty words.

Does vulgarity even matter anymore?

Maybe. But I fear the situation is slightly more serious. Compulsive vulgarity — talking dreck all the time — gives evidence of a troubled view of life and spreads it. Nasty language is a black-magic wand. When you touch it to a person, place or thing, you perform an act of mild (and sometimes not so mild) denigration.

But not everyone and not everything and not all the time. A sprinkle of salt gives your dinner savor; a handful kills it. When you curse compulsively you produce a view of the world that's smaller and meaner.

Compulsive vulgarity can be an exercise in the reductive fallacy. That's the view that the worst you can say about anyone, or anything, is the most significantly true.

The New York Times. September 14, 2025. Adaptado.

26. Considerada a argumentação desenvolvida ao longo do texto, a referência à democratização da vulgaridade (5º parágrafo) contribui para

- a) caracterizar a difusão dos palavrões como ruptura deliberada com as convenções do passado.
- b) reconhecer uma interpretação favorável da mudança antes de introduzir uma avaliação crítica de seus efeitos.
- c) associar a transformação dos hábitos linguísticos à redução das diferenças entre grupos profissionais.
- d) apresentar a liberdade de expressão como causa da crescente hostilidade nas relações sociais.
- e) interpretar a ampliação do uso de linguagem vulgar como evidência de maior tolerância às diferenças sociais.

27. No desenvolvimento do texto, a afirmação “obscenity loses its power and meaning in ubiquity” (7º parágrafo) marca a passagem de uma discussão sobre

- a) a distribuição social da vulgaridade para os efeitos decorrentes de sua frequência de uso.
- b) as restrições impostas à linguagem para as formas contemporâneas de controle do comportamento.
- c) as diferenças geracionais de vocabulário para as transformações no significado das palavras.
- d) a liberdade concedida aos falantes para as consequências jurídicas de suas escolhas linguísticas.
- e) os contextos profissionais de interação para os conflitos produzidos pela informalidade.

28. No texto, a metáfora “Nasty language is a black-magic wand” (9º parágrafo) apresenta a linguagem vulgar como um recurso capaz de

- a) revelar aspectos ocultos da realidade por meio da suspensão de convenções sociais.
- b) transformar simbolicamente seu objeto ao submetê-lo a uma forma de depreciação.
- c) intensificar conflitos ao tornar explícitas avaliações anteriormente dissimuladas.
- d) ampliar a expressividade do discurso mediante o afastamento das convenções linguísticas.
- e) alterar a percepção coletiva pela repetição de fórmulas socialmente compartilhadas.

29. Considerado o contexto, a noção de “reductive fallacy” (11º parágrafo) pressupõe uma forma de julgamento que

- a) interpreta manifestações negativas como evidências de padrões sociais mais amplos.
- b) transforma avaliações circunstanciais em princípios aplicáveis a situações diversas.
- c) considera a repetição de determinado comportamento suficiente para estabelecer sua aceitação social.
- d) atribui maior valor explicativo aos aspectos mais desfavoráveis de seu objeto.
- e) privilegia explicações simples em detrimento de análises conceitualmente elaboradas.

30. No trecho “revel in vulgar language” (1º parágrafo), o verbo “revel” sugere uma atitude de

- a) hesitação no uso de uma forma de expressão amplamente difundida.
- b) satisfação intensa com o emprego desse tipo de linguagem.
- c) disposição para adotar um hábito linguístico socialmente tolerado.
- d) familiaridade crescente com um modo de expressão anteriormente restrito.
- e) preferência ocasional por uma forma de linguagem de caráter informal.